AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NO PLANEJAMENTO DE INTERVENÇÃO GRUPAL

Juliana da Silva Carminatti[1]
Fabiana dos Santos Gediel Bernardo[2]
Jefferson Silva Krug[3]

Resumo: Tradicionalmente, a área da avaliação psicológica oferece subsídios para potencializar os processos interventivos, possibilitando a melhora da qualidade dos serviços prestados pelos psicólogos. Com isso, pesquisas nesta área têm sido apoiadas e incentivadas. Este trabalho objetivou discutir o papel da avaliação psicológica no planejamento de ações de melhoria das relações interpessoais dentro de um grupo de canto coral. Consiste no relato de experiência de um processo avaliativo preparatório para intervenção. Neste trabalho utilizou-se a metodologia quantitativa descritiva observacional-exploratória. Aplicaram-se sete instrumentos para avaliar questões sociobiodemográficas e a dinâmica grupal, em 115 participantes, com idades entre 12 e 18 anos, participantes de um grupo de canto coral. Os dados foram tabulados e analisados utilizando-se o programa SPSS. Resultados do diagnóstico grupal embasaram o planejamento de intervenções desenvolvidas posteriormente, sugerindo que avaliações psicológicas prévias à montagem de programas de intervenção psicológica são fundamentais para a reflexão sobre os objetivos a serem traçados e métodos a serem adotados na intervenção.

Palavras-chave: Avaliação. Psicologia. Planejamento.

INTRODUÇÃO

Este artigo relata a experiência decorrente da avaliação diagnóstica realizada com um grupo de canto coral de adolescentes. O processo teve início com a solicitação de ajuda psicológica pelos dirigentes do coro devido a situações de ordem comportamental do grupo

[1] Psicóloga. Especialista em Avaliação Psicológica. Faculdades Integradas de Taquara. E-mail: juscarminatti@yahoo.com.br.
[2] Psicóloga Especialista em Avaliação Psicológica. Faculdades Integradas de Taquara. E-mail: fabibernardo@globo.com.
[3] Doutor em Psicologia. Professor da Faculdade de Psicologia da PUCRS. E-mail: jeffsilkrug@yahoo.com.br.

que estavam dificultando o desenvolvimento das atividades, o desempenho e consequentemente gerando insatisfação em todos os envolvidos, equipe diretiva e cantores.

A procura por auxílio da diretoria do coro pela equipe de profissionais da Psicologia vincula-se a uma pesquisa prévia realizada com dois coros da instituição a qual o grupo avaliado pertence (CARMINATTI; KRUG, 2010), que intentava conhecer a relação entre a prática de canto coral e as habilidades sociais. Os resultados da pesquisa foram comunicados às diretorias dos coros, abrindo espaço para o diálogo entre os profissionais. Esta prática de comunicar os resultados aos participantes é defendida por Nunes, Noronha e Ambiel (2012). Os autores acreditam que a prática de devolver os resultados da pesquisa aos participantes seja proveitosa, argumentando que, deste modo, eles podem movimentar-se da posição de oferecer respostas para também receber algo em troca da sua participação. E este fator mostrou-se produtivo para o desenvolvimento desse estudo de avaliação diagnóstica e elaboração de plano de intervenção.

Diante da demanda apresentada pela equipe diretiva do coro, procurou-se por instrumentos que pudessem avaliar a dinâmica do grupo, em termos comportamentais, psicossociais e psicológicos. Para avaliar o comportamento grupal, por não se encontrar instrumentos específicos para a população alvo, utilizaram-se instrumentos de medidas do comportamento organizacional, tendo em vista que o coro pode ser entendido como uma organização, constituindo um grupo de pessoas que buscam o desenvolvimento de um projeto em comum.

Portanto, para introduzir o tema e as características da população alvo do estudo, serão abordados, neste relato, trabalhos relacionados aos grupos de adolescentes coristas e suas singularidades, assim como o papel do diagnóstico psicológico para a elaboração de um plano de intervenção. Por fim, este artigo objetivou relatar o processo avaliativo e os resultados deste que foram utilizados para elaboração de uma proposta interventiva.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Grupos de adolescentes coristas

A prática de canto coral, dia após dia, tem conquistado e se instituído em novos espaços e/ou organizações, como escolas, universidades, ONG's, associações de bairros,

empresas, hospitais, clubes, além da igreja. Também há os grupos que fazem o trabalho como grupo independente. Deste modo, o repertório acaba sendo diversificado, dependendo do coro. Os participantes da maioria dos coros não são profissionais da música e sim pessoas que dedicam tempo e a voz, e buscam prazer em tal atividade (MAZZARIN; DUARTE, 2009).

O canto coral constitui uma prática exercida e difundida em diversas etnias e culturas, podendo ser visto como uma manifestação de educação musical, bem como uma ferramenta de ação social. O coro proporciona um espaço de diferentes interações interpessoais. Além de ensino e aprendizagem musical e vocal, encontra-se um espaço de integração e inclusão social. Por ser, também, um ambiente social, o cuidado dos dirigentes de coro deve estar voltado não somente ao preparo técnico musical, como também à condução das pessoas que fazem parte do mesmo, procurando motivar e facilitar a convivência no grupo (COSTA et al., 2006; FUCCI AMATO, 2007).

Fucci Amato (2008) aponta a existência de diferentes tipos de coros, com objetivos diversificados que vão da inclusão social ao lazer, assim como à difusão de repertórios musicais específicos. Estes grupos podem ser profissionais, com uma demanda de mais exigências, ou amadores, que visam mais o lazer. No entanto, é comum a todos os tipos de coros o fato de constituírem uma organização, ou grupo social, que possui recursos materiais (como instrumentos musicais, partituras, entre outros) e recursos humanos (regentes, coristas e outros profissionais que participam). Em vista disto, o trabalho de gestão de pessoas se aplica a grupos vocais, sendo o processo de motivação intrínseco e necessário aos conjuntos artísticos. Em termos de motivação a ser promovida neste tipo de grupo, pode-se falar da motivação pela própria natureza desta atividade (artística e criadora), como também daquela intrínseca à construção de conhecimentos de si (como voz, habilidades artísticas) e da realização advinda da produção vocal em conjunto e reconhecimento mútuo (entre os coristas e pelos expectadores) (FUCCI AMATO, 2007).

O canto coral pode ser entendido não somente como uma manifestação educacional musical, como também, se bem conduzido, uma ferramenta de integração social, capaz de realizar integração entre as diversas classes socioeconômicas e culturais, além de contribuir para a construção de conhecimento de si e valorização da própria individualidade, da individualidade do outro, assim como respeito das relações interpessoais. Pode ser constatado que os objetivos sociais, culturais, educativos e musicais estão relacionados na prática de

canto coral, onde respeito às relações interpessoais tanto por parte do regente, quanto dos coristas efetiva essa interface (FUCCI AMATO, 2008; PRAZERES, 2010).

A prática de canto coral pode ser incluída em um cenário de qualidade de vida e equilíbrio social. Evidencia-se que, ao ter as necessidades básicas e de segurança de determinada população supridas, a participação em atividades capazes de promover o aumento da autoestima e da autorrealização podem contribuir para a formação do indivíduo. Considerando esses aspectos, argumenta-se que o canto coral auxilia o participante em seu crescimento pessoal e em sua motivação (AMATO NETO; FUCCI AMATO, 2007).

Em pesquisa realizada por Carminatti e Krug (2010), destacou-se que o grupo de canto coral demonstrou homogeneidade maior que o grupo comparativo não participante de atividades de coro, indicando que a prática de canto coral pode favorecer, entre outros fatores, que os seus participantes tornem-se mais coesos em virtude de estarem baseados em uma ordem organizacional de funcionamento. Neste mesmo estudo, constataram, também, que os praticantes de canto coral tendem a expressar melhor seus afetos positivos, sendo este ambiente capaz de auxiliar no aprendizado social. Os coristas consideram que este espaço, ainda, possibilita refletirem sobre atitudes adotadas, meio de adquirir novos saberes, além de um ambiente que possibilita conhecer e interagir com seus colegas de forma mais assertiva.

Costa (2009) destaca que em coros juvenis, formados por participantes adolescentes e jovens com idades entre 12 e 20 anos, é importante que os envolvidos nas atividades conheçam a instabilidade típica desta fase, tanto nos aspectos físicos, como nos emocionais. É neste período que o processo de autoconhecimento e a busca de identidade acabam se alinhando no coletivo, o que pode reforçar a atividade de canto coral como uma alternativa para a resolução de necessidades emergentes. No grupo, o adolescente acaba tendo material para trabalhar e perceber suas identificações; assim, proporcionar o desenvolvimento da personalidade expressiva do grupo acaba se constituindo fator relevante na atividade de coro juvenil. Assim, o adolescente, ao se identificar com o grupo, tem a possibilidade de se sentir amparado, acolhido e seguro no exercício de suas afirmações, podendo utilizar o coro como facilitador ou catalisador de suas próprias colocações no mundo. No grupo de canto coral, o trabalho técnico vocal e de expressão cênica (COSTA, 2009; FUCCI AMATO, 2007), a influência da atuação do regente (FUCCI AMATO, 2008), e também o trabalho da Psicologia, através de um processo avaliativo e interventivo, podem ser facilitadores do desenvolvimento deste.

1.2 Papel do diagnóstico para planejamento de intervenções psicológicas

O termo diagnóstico, atualmente, tem seu uso vinculado ao estudo aprofundado de determinado fenômeno, ou realidade, objetivando conhecê-los através de um conjunto de procedimentos teóricos, técnicos e metodológicos. Na Psicologia, as práticas de avaliação psicológica tiveram, e continuam tendo papel fundamental na formação e constituição da identidade profissional do psicólogo, na sua pluralidade de práticas diagnósticas. Estas se configuram em diferentes estratégias que vão do uso de instrumentos estruturados e padronizados, tais como testes psicológicos, a procedimentos e técnicas menos estruturados – jogos, brinquedos, desenhos e entrevistas (ARAÚJO, 2007).

Ocampo e Arzeno (2009) configuram o processo de avaliação psicológica como uma situação de papéis definidos, pois há um contrato no qual uma pessoa (o paciente, ou grupo familiar) solicita ajuda a outra (o psicólogo) e este aceita, se comprometendo a satisfazê-lo na medida de suas possibilidades. Este processo tem duração limitada e objetiva descrever e compreender a personalidade total, ou um aspecto em particular do avaliado, seja uma pessoa, seja o grupo familiar. Busca-se conhecer aspectos passados, presentes (diagnóstico) e futuros (prognóstico) do avaliado, através de técnicas específicas, como entrevistas, técnicas projetivas, entrevistas de devolução. Entende-se que esta visão mais associada à prática clínica de consultório também pode ser entendida como norte metodológico para processos de avaliação psicológica em outros contextos, como nas avaliações institucionais e de grupos.

No processo de Avaliação Psicológica, as estratégias disponíveis na atualidade se aplicam a uma variedade de abordagens e recursos à disposição do psicólogo (Cunha, 2000). Para Araújo (2007), a escolha das estratégias e instrumentos a ser utilizado tem influencia da experiência do profissional, assim como pelo referencial teórico adotado pelo mesmo e o seu objetivo. Logo, as demandas das Psicologias Clínica, Escolar, Hospitalar, Jurídica, Institucional, entre outras influenciam nesta escolha.

Guirado (2005) fala que todo diagnóstico psicológico é sempre um estudo institucional, mesmo que seja feito dentro de um processo terapêutico, ou com vistas a ele. Ou seja, quer a avaliação psicológica seja feita num consultório particular atendendo a demanda de alguém que procura o profissional com esta finalidade, quer o atendimento seja

disponibilizado como parte de serviços educacionais, de saúde, ou institucionais, constituem um estudo institucional, ainda que não estejamos conscientes disto.

Assim, caracterizada como um processo científico, como explana Cunha (2000), a avaliação psicológica normalmente é suscitada por encaminhamento de outro profissional ou solicitação do próprio avaliado. Inicia-se com levantamento prévio de hipóteses, as quais poderão ser confirmadas, ou refutadas, através de passos predeterminados objetivamente. Identifica e avalia aspectos específicos, tanto para classificar, como para prever o curso possível, comunicando os resultados que embasarão propostas resolutivas para o caso. Neste estudo, o coro foi avaliado em seus aspectos psicológicos grupais embasado por alguns instrumentos disponíveis para avaliação deste público e os resultados deste processo de avaliação fundamentaram a elaboração de intervenção no campo da Psicologia.

2 MÉTODO

Trata-se de um relato de avaliação diagnóstica de um coro. Utilizou-se da metodologia quantitativa para coleta e análise de dados com instrumentos que permitiram, através de seu caráter descritivo e observacional-exploratório (WAINER, 2000), o entendimento do grupo. Foram aplicados, coletivamente, sete instrumentos que serviram para mapear o funcionamento psicológico do grupo em relação a algumas variáveis.

2.1 População

O coro era formado por 115 participantes, pertencentes à faixa etária de doze a dezoito anos. A pesquisa contou com a participação de todos os integrantes do grupo. A idade média da População foi de 15,4 anos (DP=1,45), sendo 60,9% do sexo feminino e 39,1% do sexo masculino, estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio em uma instituição de ensino com regime de externato e internato mistos, particular e religiosa, onde ocorre a prática de canto coral.

Dentre os participantes do coro, 58,3% eram alunos internos (residiam na escola) e 41,7%, alunos externos. Destes 79,1% eram do Estado onde fica localizada a escola, 20% de outros Estados e 0,9% de outro país. Estudantes do Ensino Fundamental constituíram 20% da População, sendo os demais, 80%, estudantes do Ensino Médio. Dentre os coristas, 70,4%

nunca fizeram psicoterapia, 28,7% já tinham feito, mas não estavam mais fazendo e 0,9% estavam em atendimento no momento do estudo.

2.2 Instrumentos para coleta de dados

A seleção dos instrumentos utilizados na avaliação ponderou aspectos relacionados ao tipo de demanda apresentada, ou seja, considerou-se que o objeto de estudo era um grupo de canto coral. Objetivou-se conhecer diferentes aspectos da dinâmica grupal e, não encontrando instrumentos específicos para essa população, utilizaram-se, também, instrumentos da psicologia organizacional, pois este tipo de grupo pode ser entendido como uma organização em suas características dinâmicas e funcionais.

Foram utilizados sete instrumentos para a coleta de dados. O questionário de dados sociobiodemográficos solicitava que os participantes informassem dados como idade, escolaridade, se participavam de outras atividades extracurriculares além do canto coral, se estudavam na escola em regime de internato ou externato, cidade que moravam, entre outras questões.

O Inventario de Autoavaliação para Jovens YSR (*Youth Self-Report*) é um questionário elaborado para adolescente, com idade entre 11 e 18 anos, e está baseado em dados de pesquisas desenvolvidas em diferentes países e culturas (ACHENBACH; RESCORLA, 2001). No Brasil, o YSR está inserido em uma bateria denominada *Achenbach System of Empirically Basead Assessment* (ASEBA), e dados preliminares dos estudos de tradução e validação desta indicam boa adequação psicométrica do instrumento (ROCHA; SILVARES, 2010). Este instrumento permitiu conhecer como os adolescentes estavam se percebendo em termos de competências e de problemas de comportamento. Ele foi utilizado no intuito de caracterizar aspectos psicológicos da população alvo.

A escala de competência, no YSR engloba as atividades realizadas pelos adolescentes (esportes, trabalho, etc.), a parte social (grupos que participam, número de amigos, frequência de contato com os amigos, etc.) e permite, ainda, a integração dos dados colocando o total de competência percebida. Os dados foram classificados em três categorias: normal (estando dentro dos níveis considerados socialmente saudáveis), limítrofe (necessita atenção, pois está no limite entre permanecer saudável ou adoecer) e clínica (dentro de limites considerados psicopatológicos e que precisam de intervenção).

Os comportamentos de internalização e externalização analisados pelo YSR consideram como internalizantes a ansiedade, depressão, queixas somáticas, problemas sociais, de pensamento e atenção. Os comportamentos externalizantes foram avaliados considerando comportamentos disruptivos, agressivos, além dos problemas sociais, de pensamento e atenção.

Foram utilizadas, ainda, cinco escalas que originalmente são empregadas para medir o comportamento organizacional em empresas. Estas foram adaptadas, em sua linguagem, para a aplicação, tendo em vista terem sido elaboradas visando outras faixas-etárias e tipos de organizações. Exemplos dessas adaptações foram as seguintes: a frase "Os conflitos que acontecem no meu trabalho são resolvidos pelo próprio grupo" (MARTINS, 2008, p.35) foi adaptada para "Os conflitos que acontecem no meu coral são resolvidos pelo próprio grupo"; ou a frase "A empresa onde trabalho utiliza regras bem-definidas" (JUNIOR; SIQUEIRA, 2008, p.196) adaptada para "O coral que participo utiliza regras bem-definidas". Ainda, os termos chefia e colega foram trocados para diretoria e corista, respectivamente.

Clark et al. (2008) preveem esse tipo de procedimento de adaptação em pesquisas onde instrumentos específicos para a população estudada ainda não foram desenvolvidos. Ponderam que, em face desse tipo de problema, os pesquisadores podem decidir primeiro coletar dados qualitativos sobre o tópico de interesse e, após a análise desses dados, os achados podem ser usados para desenvolver ou modificar um instrumento, fundamentado na perspectiva dos participantes. Em relação a este estudo, pondera-se o fato de não ter sido feita a validação das adaptações das escalas utilizadas, a fim de comprovar se as modificações nos instrumentos mantiveram as propriedades avaliativas originais. Isto ocorreu devido à brevidade do tempo destinado à avaliação. Contudo, em pesquisas futuras, precisam-se rever as adaptações psicométricas realizadas.

A fim de compreender como o contexto organizacional afetava o comportamento, as atitudes, a qualidade de vida e o desempenho, utilizou-se a Escala de Clima Organizacional (ECO). Ela foi elaborada por Martins e colaboradores em 2004 e avalia as percepções dos integrantes das organizações quanto a: apoio da chefia e da organização (fator 1, com 21 itens e α= 0,92), recompensa (fator 2, com 13 itens e α= 0,88), conforto físico (fator 3, com 13 itens e α= 0,86), controle/pressão (fator 4, com 9 itens e α= 0,78) e coesão entre colegas (fator 5, com 2 itens e α= 0,78) e foi analisada por meio desses fatores (MARTINS, 2008).

A Escala de Valores Organizacionais (EVO), construída por Tamayo e Gondim em 1996, avalia a percepção dos sujeitos quanto à prioridade dada pela instituição à sua eficácia e à eficiência (α de Cronbach = 0,91); a valorização da interação positiva dentro da instituição (α = 0,90); a gestão atrelada à tradição, hierarquia e supervisão (α = 84); a preocupação da instituição em pesquisa, integração, modernização dos recursos materiais e probidade (α = 0,70); e valorização e respeito aos seus integrantes (α = 0,90). Os valores de referência foram os seguintes: 0, nada importante; 3, importante; e 6, muito importante (TAMAYO, 2008).

A Escala de Comprometimento Organizacional Afetivo (ECOA) avalia a intensidade de sentimentos positivos e negativos nutridos pelo participante frente à organização permitindo, deste modo, aferir o compromisso de base afetiva. Esta escala foi construída por Siqueira em 1995, em relação à concisão e homogeneidade, apresenta valores de correlação item-total entre 0,50 e 0,83 e a precisão da escala (α de Cronbach) foi de 0,95 (BASTOS et al., 2008). Para avaliar a intensidade em que o trabalho realizado consegue satisfazer o indivíduo, absorvê-lo enquanto realiza a tarefa e a importância para a sua vida, foi utilizada a Escala de Envolvimento com o Trabalho (EET), construída por Siqueira em 1995, que apresenta precisão confiável (α de Cronbach = 0,78) (SIQUEIRA, 2008). E ainda, para medir a percepção de quão justas o participante percebe as condições ou os procedimentos que norteiam as políticas de distribuição de recursos na organização foi aplicada a Escala de Percepção de Justiça de Procedimentos (EPJP). Esta escala foi construída por Gomide Jr., Lima e Faria Neto em 1996 e apresenta índice de precisão de 0,77 (α de Cronbach) (JUNIOR; SIQUEIRA, 2008).

2.3 Procedimentos para coleta de dados

A demanda para esta avaliação surgiu através da solicitação de intervenção pela diretoria do coro, a fim de solucionar problemas comportamentais e de relacionamento com os coristas. Em entrevista, relataram as queixas que estavam relacionadas à falta de compromisso dos coristas para com as atividades do coro, reclamações constantes, desmotivação, desempenho abaixo da capacidade, entre outras.

De posse da autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) das Faculdades Integradas de Taquara, sendo o número de protocolo de aprovação 725, do ano de 2010, entrou-se em contato com a diretoria do coro, a fim de agendar o início da avaliação, dando-se

início à coleta de dados. Contataram-se os potenciais participantes durante uma das reuniões do coro. Após explanação sobre os objetivos do trabalho, distribuíram-se os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os coristas, interessados em participar, assinarem, assim como para os pais dos coristas menores de dezoito anos assinarem. No caso dos alunos internos, a assinatura da autorização de participação na pesquisa foi feita pelos preceptores da instituição. A data para a aplicação dos instrumentos foi agendada com os coristas, sendo a aplicação realizada coletivamente.

2.4 Procedimentos de análise dos dados

Os dados coletados através dos instrumentos utilizados no estudo quantitativo foram tabulados e analisados através do uso do programa SPSS 20.0 (*Statistical Programn for Social Sciences*). Para a análise do YSR foi utilizado o software específico das escalas ASEBA (*Achenbach System of Empirically Based Assessmente*). Já as escalas ECO, EVO, ECOA, EET e EPJP, tomou-se como referência o manual destas escalas.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados decorrentes da avaliação diagnóstica do coro serão apresentados, inicialmente, um a um. Ao final todos os instrumentos serão integrados e considerados na sua relevância para o entendimento dinâmico do grupo no contexto tempo-espacial que estavam vivendo.

O questionário de dados sociobiodemográficos permitiu conhecer, sucintamente, o perfil dos coristas. Analisando os dados relativos a vivências dentro do próprio coro, 41,7% estavam participando há um ano; 30,5% há dois anos; 13,9% há três anos e 13,9% há mais de três anos. Os coristas eram divididos em quatro vozes, soprano (36,5%), contralto (28,7%), barítono (6,1%) e tenor (28,7%); destes, 73,9% já havia cantando em outros coros e 26,1% estavam participando de um coro pela primeira vez. Em relação ao estudo de música, 47% estudavam algum instrumento musical e 51,3 % da População realizavam outras atividades extracurriculares (esportes, estudo de língua estrangeira, entre outras).

A ECOA (Tabela l) permitiu verificar que 66,1 % dos coristas mostravam-se afetivamente comprometidos com o coro e 33,9% estavam indecisos quanto ao que sentiam.

Esses dados evidenciaram que grande parte dos coristas se sentiam efetivamente comprometidos com o coro; contudo, uma parcela significativa demonstrava um vínculo ambivalente, constituindo este um fator a ser trabalhado em intervenção. Uma das consequências, potencialmente prejudiciais ao grupo que a ambivalência no comprometimento evidenciou estava relacionada à falta de comprometimento do corista com as atividades do coro. Esse fator era uma das queixas da equipe diretiva e interferia nas atividades programadas, assim como, na motivação desta e na motivação dos próprios coristas em diversas ocasiões.

Tabela 1: ECOA

Nível e compromisso afetivo	Frequência	Percentil
Frágil compromisso afetivo	0	0
Indecisão quanto ao vínculo afetivo	39	33,9
Afetivamente comprometido	76	66,1
Total	115	100

O comprometimento é visto como relevante para o bom andamento de qualquer instituição (SPECTOR, 2005). E ainda, como afirmam Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2003), o comprometimento além de uma decisão sobre diversas áreas que formam a identidade, é também a presença de atividades dirigidas à implementação desta escolha. Estes autores falam da necessidade das escolas começarem a se preocupar com os relacionamentos e não somente com o conteúdo. Ao buscar o trabalho da psicologia para intervir no coro, a diretoria mostrou estar atenta a este fato, assim como a equipe interventiva esteve durante o processo. Como 33,9% do coro se mostrava indeciso neste aspecto pode-se inferir que este fator estava interferindo no andamento das atividades do coro.

A ECO (Tabela 2) identificou que 56,5% dos coristas não sabiam como qualificar o apoio recebido pela diretoria, demonstrando ser problemático esse fator no coro. Quando 46,1% não sabiam classificar se a recompensa recebida pela participação era boa ou ruim, procurou-se identificar o que seria recompensa para estes coristas. Compreendeu-se que para eles, era recompensador receber elogios, pequenos agrados, como bombons, cartões com mensagens da equipe diretiva agradecendo, festas preparadas especialmente para eles, mas principalmente serem reconhecidos em esforços para cumprirem com as atividades do grupo.

Tabela 2: ECO

Fator	Clima	Frequência	Percentil

Apoio da diretoria e da organização	Bom	39	33,9
	Indefinido	65	56,5
	Ruim	11	9,6
	Total	115	100
Recompensa	Bom	37	32,2
	Indefinido	53	46,1
	Ruim	25	21,7
	Total	115	100
Conforto físico	Bom	52	45,2
	Indefinido	51	44,4
	Ruim	12	10,4
	Total	115	100
Controle/ Pressão	Bom	8	6,9
	Indefinido	43	37,4
	Ruim	64	55,7
	Total	115	100
Coesão entre colegas	Bom	61	53,0
	Indefinido	37	32,2
	Ruim	17	14,8
	Total	115	100

Em relação ao conforto físico, 45,2% consideram boa a infraestrutura oferecida, no entanto, a maioria não estava satisfeita neste fator. Ao conhecer a dinâmica das atividades do coro e o espaço físico disponível para os ensaios, assim como os equipamentos de som, iluminação e demais estruturas necessárias para apresentações, constatou-se que estavam dentro do padrão necessário para o bom desenvolvimento das atividades. Contudo, em apresentações, não se tem o controle das variáveis físicas do ambiente, logo, muitas vezes acabavam em lugares pouco ventilados, ficando muitas horas em pé, entre outras variáveis intervenientes que poderiam estar contribuindo para a insatisfação neste item.

Outro fator analisado pela ECO foi pressão/controle, percebidos que para 55,7% foi considerado ruim. Pôde-se pensar em algumas questões desencadeadas por essa percepção de forte pressão e forte controle exercidos sobre os coristas pela equipe diretiva, como problemas de relacionamento dentro do coro, interferência no desenvolvimento do comprometimento afetivo ou na percepção de apoio da direção para com os coristas. Contudo, devem-se considerar certas questões na interpretação desses dados, como o fato de ser um coro de igreja, onde a presença de regras e normas a seguir constitui uma característica marcante; assim como o público investigado estar na adolescência, fase sabidamente caracterizada pela busca de autonomia, identidade, incluindo a contestação de normas e regras (BRÊTAS et al., 2008; COLE; COLE, 2003; FERREIRA et al., 2007; MARTINS; SOUZA, 2007; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006; SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003).

Por fim, ainda dentro dos fatores analisados pelo ECO, encontraram-se 53,0% qualificando como boa a coesão percebida entre os colegas. A coesão entre os coristas poderia ser contraponto à diretoria vista como controladora. No entanto, a vinculação maior com os pares pode ser considerada um comportamento típico de adolescentes, que comumente aumenta a interação interpessoal intragrupo nesta fase (BRÊTAS et al., 2008; COLE; COLE, 2003). Contudo, não se pode deixar de considerar que praticamente a metade dos coristas não se sentiam coesos dentro do coro, fator este que poderia atrapalhar o desempenho do corista, assim como as atividades do grupo como um todo, constituindo um ponto importante a ser trabalhado na intervenção.

Através da EET pôde-se constatar (Tabela 3) que 54,8% dos coristas estavam envolvidos com as atividades do coro, 19,1% sentiam-se indiferentes ou desconfiados e 26,1% apresentavam frágil envolvimento com as atividades do grupo. Estes dados evidenciaram que quase metade do coro não estava efetivamente sentindo-se parte do grupo, tornando-se este um indicador de sofrimento e não produtividade, isto podendo advir em decorrência da não coesão entre coristas, como também do vínculo afetivo ambivalente, dados encontrados nas outras escalas.

Com base nestes dados, hipotetizou-se que proporcionar a melhoria da relação entre diretoria do coro e coristas potencializaria a melhora do envolvimento destes com as atividades do coro. Este foi um dos fatores considerados relevantes a ser trabalhado, tanto com a equipe diretiva (no sentido de proporcionar a inserção de fato desses coristas) quanto o trabalho com os próprios coristas (para que pudessem se sentir parte atuante no coro).

Tabela 3: EET

Grau de envolvimento	Frequência	Percentil
Envolvido	63	54,8
Indiferente ou desconfiado	22	19,1
Envolvimento frágil	30	26,1
Total	115	100

A EPJP indicou que 68,7% dos adolescentes consideravam justas as medidas tomadas pela diretoria, 19,1% estavam indiferentes ou desconfiados e 12,2% consideravam frágil este conceito (Tabela 4). Entende-se ter sido positivo o fato de que quase 70% dos coristas sentiam-se tratados com justiça. Em relação aos que acreditavam estar sendo tratados de forma injusta, apresenta-se como hipóteses os problemas apresentados com a diretoria, assim como questões típicas da adolescência relacionadas ao desenvolvimento cognitivo-

comportamental. Cole e Cole (2003) falam que essa faixa etária está desenvolvendo uma nova qualidade da mente, caracteristicamente marcada pela capacidade de pensar de forma sistemática, lógica e hipotética. Como manifestação dessa nova maneira de pensar, os adolescentes tendem a se tornarem críticos a respeito de dogmas impostos e das discrepâncias entre os ideais dos adultos e os comportamentos por eles apresentados. No entanto, apesar destes dados não terem sido considerados preocupantes, constitui fator a ser trabalhado no processo interventivo.

Tabela 4: EPJP

Percepção	Frequência	Percentil
Percepção de justiça	79	68,7
Indiferença ou desconfiança	22	19,1
Percepção frágil	14	12,2
Total	115	100

A EVO indicou que os fatores investigados pela escala são considerados importantes na percepção dos coristas. Destacou-se a visão dos coristas de que a eficiência, a produtividade, a competência, o comprometimento (componentes do fator eficácia/eficiência) e tradição, hierarquia, organização (componentes do fator gestão) foram considerados muito importantes se sobrepondo à abertura, coleguismo, amizade (componentes da interação no trabalho), ou que pesquisa, integração interinstitucional (componentes da inovação) e respeito, reconhecimento do mérito, polidez (componentes do fator respeito ao servidor). A Tabela 5 mostra os resultados.

Tabela 5: EVO

Fator	Média	Desvio padrão
Eficácia/eficiência	5,8	0,9
Gestão	5,6	0,8
Respeito ao servidor	4,7	1,2
Inovação	4,5	1,4
Interação no trabalho	4,4	1,3

A fim de melhor compreender os resultados da EVO, mostrou-se importante conhecer as características das atividades de canto coral, mais especificamente do coro avaliado. Apesar da prática de canto coral ser considerada uma ferramenta de interação social (COSTA, 2009; FUCCI AMATO, 2008), entende-se que para atingir um desempenho satisfatório nos palcos, os coristas necessitam seguir regras de conduta que incluem a

diminuição das interações sociais dentro dos ensaios, várias horas semanais de prática de técnica vocal e cênica, exigindo concentração, persistência, resistência física e emocional. Havia momentos de interação, no entanto os coristas precisam seguir as regras. Estas medidas adotadas pelo coro mostravam-se produtivas (em termos de resultado técnico), contudo, podem tornar-se prejudiciais para quem cobra tais normas, pois podem ser mal vistos pelos integrantes do grupo. Estes dados corroboram com os encontrados na ECO, relacionadas a controle e pressão, considerados altos pelos avaliados. Estes resultados evidenciam uma necessidade de abertura de outros ambientes para interação entre os coristas, sem que haja pressão por desempenho, espaços que disponibilizem atividades sociais e de lazer.

Através do YSR foi possível conhecer a percepção dos adolescentes em termos de competências que englobam a prática de esportes, atividades extraescolares, relacionamentos com amigos e família e desempenho acadêmico; subsidiou, também, a percepção de problemas de comportamento, com as escalas de internalização, externalização e escala total de problemas de comportamento (ROCHA; SILVARES, 2010).

O YSR possibilitou a análise de questões relacionada às competências percebidas pelos adolescentes, descritas na Tabela 6. Para 89,6% dos adolescentes, a quantidade de atividades realizadas por eles (atividades domésticas, laborais, escolares, esportivas) estava dentro do que foi considerado normal pelo inventário. A vida social dos adolescentes (número de amigos, grupos sociais) estava dentro dos índices considerados saudáveis para 93% dos participantes e o total de competências percebidas estava normal para 80,9% dos coristas. Estes resultados indicam que os cantores, de forma geral, sentiam-se competentes, sendo poucos os que se encontravam em índices clínicos, denotando que provavelmente os problemas encontrados no grupo eram de ordem grupal e não decorrentes de problemas individuais de alguns coristas.

Tabela 6: Escala de Competência

Competências	Normal		Limítrofe		Clínica	
	Frequência	Percentil	Frequência	Percentil	Frequência	Percentil
Atividades	103	89,6	7	6,1	5	4,3
Social	107	93,0	7	6,1	1	0,9
Total de competência	93	80,9	13	11,3	7	6,1

A Tabela 7 apresenta os resultados levantados pelo inventário YSR relativos aos problemas de internalização e externalização. Os dados permitem conhecer as questões relativas ao humor e ao comportamento desses adolescentes. Percebeu-se que em todos os

fatores, mais de 50% dos participantes estavam dentro do que foi considerado normal, ou seja, não estavam em sofrimento aparente. Contudo, pôde-se evidenciar maior índice na caracterização dos problemas de internalização, ou seja, os adolescentes estavam apresentando problemas em falar de seus sentimentos.

Sabe-se que o grupo potencialmente, em vários momentos, provoca tensão em seus participantes. Agregado a este fator, podem-se considerar os achados de outros instrumentos aplicados, como a ECO e a EVO, que identificaram na direção (na percepção dos coristas) características de pressão, controle, buscando a eficácia e a eficiência, como explicações conjuntas para estes dados relativos à internalização que o YSR evidenciou. Com isto, entrou para a proposta de intervenção disponibilizar aos coristas, espaço para externalizarem sentimentos, pensamentos, desejos, entre outros fatores. E ainda, trabalhar na equipe diretiva abertura suficiente para os coristas poderem externalizar seus sentimentos e serem acolhidos por eles.

Tabela 7: Problemas de internalização e externalização

		Normal		Limítrofe		Clínica	
		Frequência	Percentil	Frequência	Percentil	Frequência	Percentil
Internalizante	Ansioso/ Depressivo	65	56,5	37	32,2	13	11,3
	Retraído/ Depressivo	100	87,0	10	8,7	5	4,3
	Queixas Somáticas	93	80,9	18	15,7	4	3,5
	Total de Problemas de Internalização	45	39,1	34	29,6	36	31,3
	Problemas Sociais	95	82,6	15	13,0	5	4,3
	Problemas de Pensamento	91	79,1	19	16,5	5	4,3
	Problemas de Atenção	87	75,7	22	19,1	6	5,2
Externalizante	Comportamento Disruptivo	111	96,5	3	2,6	1	0,9
	Comportamento Agressivo	97	84,3	13	11,3	5	4,3
	Total de Problemas de Externalização	85	73,9	20	17,4	10	8,7

Os resultados analisados permitiram conhecer os coristas e a percepção que eles tinham do coro e seus movimentos. Eram adolescentes, vindos de lugares, culturas e realidades diferentes, os quais precisavam ser ouvidos e compreendidos em seus sentimentos e forma de pensar, conforme identificou o YSR. Embasados nas análises decorrentes da

avaliação diagnóstica, elaborou-se um plano de intervenção proposto à diretoria do coro ao final do processo avaliativo.

Dos resultados da ECOA, entendeu-se que a ambivalência no vínculo afetivo, em 33,9% dos coristas poderia acarretar prejuízos para o grupo, tornando-se esse fator alvo do processo interventivo. Esse tipo de sentimento potencialmente conduzia à falta de compromisso, atrapalhando no andamento das atividades do coro, assim como na motivação tanto da equipe diretiva como dos coristas.

Os dados da ECO evidenciaram dificuldade de relacionamento entre coristas e diretoria, tornando-se este um fator prioritário na intervenção. A constatação de que 66,1% dos coristas não estavam se sentindo apoiados pelo coro ou não conseguiam determinar tal apoio, e que 67,8% não conseguiam definir ou achavam ruim a recompensa recebida permitiu inferir que parte da desmotivação que os participantes do coro demonstravam, para com as atividades propostas, provinha também destes fatores. Ainda, para mais da metade dos coristas, o controle e a pressão exercida pela equipe diretiva foram considerados ruins, questão que, supõe-se, estava diretamente relacionada aos movimentos dos coristas, de negação, contestação, indiferença quando frente a atividades e propostas da diretoria. Todos estes fatores aliados podem ter facilitado o aumento da coesão entre os colegas, fator considerado bom por boa parte do coro.

Infere-se, a partir dos resultados apresentados, existir ligação entre envolvimento com o coro (EET) e comprometimento afetivo (ECOA). Ambos apresentaram índices baixos, constituindo fatores a serem trabalhados na intervenção. A percepção de justiça de procedimentos dos adolescentes em relação à diretoria, apesar de não ser a maioria que consideram justos os procedimentos adotados, não constitui fator preocupante, no entanto, entraram para o plano de intervenção questões relativas a estes achados.

Os resultados da EVO ratificam os resultados da ECO relacionados à chefia. Na percepção dos coristas, eficácia e eficiência eram os fatores mais importantes para a diretoria, consequentemente a gestão, assim como a pressão e o controle exercidos pela equipe diretiva mostraram-se intensos na percepção daqueles, sendo os fatores relacionais e pessoais vistos como secundários para a equipe diretiva. Em consequência, os coristas percebiam o apoio da chefia insuficiente para suas necessidades emocionais e em decorrência, comprometiam-se menos afetivamente com o coro.

Os dados permitiram concluir que o conflito instalado no grupo não provinha de conflito com os iguais e sim com a diretoria. A forma de lidarem com a conflitiva encontrada pelos adolescentes foi internalizando os sentimentos, não se comprometendo afetivamente com o coro e se apoiando nos pares, e não na equipe diretiva. A partir do diagnóstico evidenciou-se a necessidade de intervenção psicológica. Esta foi pensada e elaborada em dois níveis: um gerencial (trabalho com a equipe diretiva); e outro operacional (com os coristas), intentando disponibilizar intervenção adequada em todos os níveis.

A intervenção inicial com a equipe diretiva do coro objetivou apresentar os resultados da avaliação diagnóstica, as implicações decorrentes do diagnóstico e prognóstico além da proposta interventiva. O trabalho com os coristas, nível operacional, utilizou metodologia qualitativa, com grupo focal, disponibilizando espaço, aos coristas que desejassem, onde pudessem discutir assuntos de interesse deles mesmos em profundidade. A seleção da metodologia a ser adotada considerou os principais resultados diagnósticos encontrados, percepção de que o coro, de forma geral, estava se sentindo sem espaço para colocar seus questionamentos, sentimentos e dúvidas.

CONCLUSÃO

Ao considerar o tema abordado neste estudo "avaliação psicológica como precursor de intervenção grupal" pode-se argumentar ser este um fator facilitador e otimizador de intervenções no campo da Psicologia. Ao longo do tempo, a Avaliação Psicológica nas organizações tem-se tornado uma poderosa ferramenta na tomada de decisão e, quando implementada apropriadamente, pode trazer benefícios importantes para os participantes destas instituições e para a sociedade em geral (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2010). Através deste estudo, pode-se constatar a relevância de um diagnóstico apropriadamente realizado para o planejamento de intervenções, pois otimiza o processo interventivo e a resolução dos problemas apresentados pelo avaliando, seja ele um indivíduo ou um grupo.

Sabe-se que a adolescência é um período de transformações e descobertas, fase de procurar independer-se, ao mesmo tempo de instruir-se, e não somente em conhecimentos formais e técnicos, mas também de sentimentos e escolhas de vida em termos pessoais, familiares e sociais. Trabalhar com a população adolescente implica pensar e considerar os

diversos modos de viver e se desenvolver do adolescente. Envolve pensar e repensar as práticas de saúde e educação voltadas para esta parcela significativa da sociedade, os adolescentes (FERREIRA et al., 2007). Neste sentido, o diagnóstico permitiu a elaboração de um plano de intervenção específico para aquele público, atendendo a demanda real apresentada pelo coro.

Ao se deter no tipo de grupo avaliado, Mazzarin e Duarte (2009) identificam que o resultado musical se altera conforme a interação ou integração entre os participantes do coro, quer de coristas, quer da equipe diretiva ou ambos. Este conhecimento, agregado aos resultados da avaliação, norteou o planejamento da intervenção. Buscou-se montar um plano interventivo que proporcionasse melhora nos relacionamentos, entre outros fatores, através da elucidação dos desencadeantes dos comportamentos que estavam sendo negativamente vivenciados por todos os envolvidos no coro.

Uma ação importante para promover o processo de interação entre os participantes de grupos vocais, para Braga (2008), é despertar no indivíduo o sentimento de pertencer, de participar ativamente de forma autônoma e cooperativa. Argumenta, ainda, que o processo cognitivo desenvolvido pela interação, pela troca de ideias e pelas experiências proporcionam a participação ativa de todos os envolvidos, assim como o desenvolvimento dos mesmos. As intervenções planejadas para ocorrer decorrentes do diagnóstico aqui relatado procuraram promover tais ações.

Pensar em canto coral é pensar em uma relação social dinâmica, em constante mutação, sendo formado por indivíduos históricos, ou seja, pessoas e suas histórias de vida, sonhos, frustrações, diferentes culturas, diversas escolaridades, medos, personalidades. Trabalhar com todas estas realidades torna-se um desafio para a equipe diretiva, principalmente na faixa etária dos participantes deste estudo, pois é notório ser a adolescência um período de transição, onde transformações físicas, cognitivas e emocionais ocorrem e o adolescente precisa aprender a viver com estas transformações. Acreditamos que o trabalho da psicologia dentro destas instituições pode ser um veículo para melhorar a qualidade de vida dos participantes, como também, possibilitar a otimização do trabalho técnico musical e artístico.

Como limitações deste estudo, apresenta-se a não generalização dos resultados para outros grupos da mesma faixa etária, bem como a falta de estudos na mesma área que pudessem nortear as práticas desenvolvidas no processo. Salientamos a importância do

crescimento de estudos nesta área que possam contribuir para o desenvolvimento de estratégias e instrumentos cada vez mais eficazes para intervenções subsequentes. E ainda, os autores reconhecem não terem realizado uma avaliação estatística quanto à adaptação dos instrumentos a fim de constatar se as escalas mantiveram as mesmas propriedades de avaliação após as ligeiras modificações que foram feitas nas mesmas. Ainda assim, os resultados se mostraram pertinentes para a elaboração da intervenção proposta posteriormente.

Portanto, discutir as implicações dos resultados do processo de Avaliação Psicológica de um grupo para o planejamento e execução de ações psicológicas pode ser de interesse da comunidade científica, contribuindo para o desenvolvimento de outras metodologias de pesquisa e ação. Retomando o que diz o Conselho Federal de Psicologia (2010), a Avaliação Psicológica, como processo de construção de conhecimento sobre aspectos psicológicos, tem como objetivo produzir, orientar, monitorar, encaminhar ações e intervenções sobre o avaliado. Procurou-se desenvolver tais aspectos no trabalho aqui apresentado.

PSYCHOLOGICAL ASSESSMENT IN PLANNING GROUP INTERVENTION

Abstract: Traditionally, psychology evaluation offers tools to strengthen the intervention process, which improves the quatily of the services offered by psychologists. Thus, research in this area has been supported and encouraged. This study aimed to discuss the role of psychological assessment in planning actions to improve interpersonal relations whitin a group of choral singing. It consists in the experience report of a preparatory evaluation process for intervention. In this work we used the observational-descriptive exploratory quantitative methodology. In this paper, the authors discuss the role of psychological evaluation during the process of implementing measurements to improve interpersonal relationships within a youth choir singers involving both male and female participants, ranging from 12 to 18 years of age. For this study, the researchers utilized the quantitative method of descriptive exploratory observation, using seven instruments to evaluate sociobiodemographics and group dynamics issues as well as SPSS software to analyze the data. Results from the group diagnostic test were used to develop a psychological interventions planning afterwards, suggesting that psychological evaluation prior to the development of psychological intervention programs are essential in the process to reflect about the goals to be delineated and the methods to be adopted during the intervention.

Keywords: Evaluation. Psychology. Planning.

Referências

ACHENBACH, Thomas M.; RESCORLA, Leslie A. **Manual for the ASEBA School-Age Forms & Profiles**. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth & Families, 2001.

AMATO NETO, João; FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Organização do trabalho e gestão de competências: uma análise do papel do regente coral. **Gepros: Gestão da Produção, Operações e Sistemas**, Bauru, v. 2, n. 2, p. 89-98, abr./jun. 2007.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Estratégias de diagnóstico e avaliação psicológica. **Psicologia: Teoria e Prática,** São Paulo, v. 9, n. 2, p. 126-141, dez. 2007.

BASTOS, Antonio Virgilio Bittencourt. et al. Comprometimento organizacional. In: SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias. et al. **Medidas do comportamento organizacional**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRAGA, Simone Marques. Formação de grupos vocais: aprendizagem pela interação. In: SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 4, 2008, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Paulistana, 2008. 445-9.

BRÊTAS, José Roberto da Silva. et al. Os rituais de passagem segundo adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo**,** v.21, n.3, p. 404-411, 2008.

CARMINATTI, Juliana da Silva; KRUG, Jefferson Silva. A prática de canto coral e o desenvolvimento de habilidades sociais. **Pensamiento Psicológico**, Colombia, v.7, n.14, p. 81-96, 2010.

CLARK, Vicki L. Plano. et al. Mixing quantitative and qualitative approaches: na introducion to emergent mixed methods research. In: HESSE-BIBER, Sharlene Nagy; LEAVY, Patricia. **Handbook of emergent methods**. New York: The Guildford Press, 2008.

COLE, Michael; COLE, Sheila R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Avaliação Psicológica:** diretrizes na regulamentação da profissão. Brasília: CFP, 2010.

COSTA, Patrícia Jovasino Bastos Medrado. et al. Extensão vocal de cantores de coros evangélicos amadores. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 96-106, jan./mar. 2006.

COSTA, Patrícia. A expressão cênica como elemento facilitador da performance no coro juvenil. **Per Musi: revista acadêmica de música**, Belo Horizonte, n. 19, p. 63-71, jan./jun. 2009.

CUNHA, Jurema Alcides. et al. **Psicodiagnóstico-V**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FERREIRA, Márcia de Assunção. et al. Saberes de adolescentes: estilo de vida e cuidado à saúde. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 217-224, abr./jun. 2007.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical. **Opus,** Goiânia, v. 13, n.1, p. 75-96, jun. 2007.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. O desenvolvimento da motivação na gestão dos recursos humanos em corais: conceitos e práticas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 4, 2008, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Paulistana, 2008. p. 415-22.

GUIRADO, Marlene. O caso do psicodiagnóstico: um estudo institucional. **Psicologia USP,** São Paulo, v. 16, n. 4, p. 11-32, 2005.

JUNIOR, Sinesio Gomide; SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias. Justica no trabalho. In: SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias. et al. **Medidas do comportamento organizacional**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; SOUZA, Patrícia Lânes Araújo de. Lazer e Tempo Livre dos(as) Jovens Brasileiros(as): escolaridade e gênero em perspectiva. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (orgs.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007.

MARTINS, Maria do Carmo Fernandes. Clima organizacional. In: SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias e col. **Medidas do comportamento organizacional**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MAZZARIN, Regina Maria Bilha Balan; DUARTE, Monica. Coro: espaço dinâmico de relações a partir da psicologia social da música. **Cadernos do Colóquio,** Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, 2009.

NUNES, Maiana Farias Oliveira; NORONHA, Ana Paula Porto; AMBIEL, Rodolfo Augusto Matteo. Entrevistas Devolutivas em Pesquisa em Avaliação Psicológica. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 32, n. 2, p. 496-505, 2012.

OCAMPO, María Luisa Siquier de; ARZENO, María Esther García. O processo psicodiagnóstico. In: OCAMPO, María Luisa Siquier de; ARZENO, María Esther García; PICCOLO, Elza Grassano de. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas**. 11.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

PAPALIA, Diane E. OLDS. Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PRAZERES, Maria Márcia Viana. **Coral na terceira idade:** o canto como sopro da vida. A influência do canto coral na qualidade de vida de um grupo de coralistas idosas. 2010. 88 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia), Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2010.

ROCHA, Marina Monzani da; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Competências de jovens brasileiros: Fator de proteção para problemas comportamentais. In: Simpósio Nacional

de Investigação em Psicologia, 7, 2010, Portugal. **Actas**. Portugal: Universidade do Minho. p. 1162-6.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 1, p. 107-115, jan./abr. 2003.

SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias. Envolvimento com o trabalho. In: SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias. et al. **Medidas do comportamento organizacional**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SPECTOR, Paul E. **Psicologia nas organizações**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

TAMAYO, Alvaro. Valores organizacionais. In: SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias. et al. **Medidas do comportamento organizacional**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WAINER, Ricardo. A pesquisa quantitativa em psicologia: delineamentos possíveis e a questão da amostragem. In: SCARPARO, Helena (org.). **Psicologia e pesquisa:** perspectivas metodológicas. Porto alegre: Sulina, 2000.